

A PRESENÇA DA CULTURA FRANCESA NA VIDA INTELECTUAL BRASILEIRA NOS FINS DO SÉCULO XIX

MARIA LUIZA GUARNIERI ATIK

Os compêndios de Literatura Brasileira, ao abordarem o século XIX, caracterizam-no como uma grande encruzilhada de diferentes correntes filosóficas, estéticas e literárias e salientam que coube, principalmente à França, a penetração dessas novas idéias na formação cultural do povo brasileiro.

Buscando individuar algumas marcas francesas na nossa literatura e analisar o seu processo de assimilação, procuramos determinar, a priori, o tipo de ficção que era publicada no Brasil, no momento da criação do romance nacional.

Segundo J. A. Castello, "(...) as origens do romance brasileiro datam (...) do início do romantismo no Brasil, precisamente de 1839 (...); Os iniciadores-precursores foram João Manuel Pereira da Silva (*O Aniversário de D. Miguel*, 1828 e *Religião, Amor e Pátria*, (...), em 1839); Justiniano José da Rocha (*Os assassinos misteriosos*, 1839); Joaquim Norberto (*As duas órfãs*, 1841) (...) e Joaquim Manuel de Macedo (*A Moreninha*, 1844)".¹

No entanto, neste primeiro momento, não são os grandes escritores como Balzac, Staël, Chateaubriand, Scott, os modelos ficcionais reproduzidos pelos nossos escritores, e sim Eugène

Sue, Alexandre Dumas, Paul Féval, Paul de Kock, que desenvolveram um gênero romanesco bastante novo na França, o folhetim.

O folhetim, ou melhor, o **feuilleton-roman**, que nasceu na década de 1830, foi concebido por Emile de Girardin com a finalidade de democratizar o jornal e abarcar um número maior de leitores, possibilitando o acesso da burguesia ao jornal, que nesta época era privilégio somente daqueles que podiam pagar altas assinaturas.

No entanto, é preciso salientar que desde o início do século, já havia nos jornais o folhetim ou rodapé, onde se tratava de assuntos mais leves que o resto do jornal, buscando o entretenimento do leitor. Posteriormente, o folhetim passou a ser publicado na seção de variedades, e foi através desta seção que a ficção literária, em forma de contos ou novelas, penetrou no jornal. Porém, coube a Emile de Girardin o mérito de revolucionar a seção de variedades, quando publicou pela primeira vez ficção em pequenas doses. A primeira obra, publicada em forma de folhetim foi **O Lazarillo de Tormes**, em 1836. No fim deste mesmo ano, Girardin encomenda a Balzac uma novela, que também será publicada em série, **La Vieille Fille**.

A partir de 1840, o folhetim adquire a sua forma definitiva e ganha também um espaço próprio nos diferentes jornais, o qual ocupará de forma preponderante, até o final do século XIX. "E se hoje só se conservam alguns nomes e alguns títulos, foram numerosíssimos os produtores e os produtos folhetinoscos, dimensionados pelo próprio apetite voraz dos consumidores."²

Inventado pelo jornal e para o jornal, é evidente que o folhetim, pelas próprias características da publicação se diferenciasse do ponto de vista estrutural dos outros gêneros narrativos. O primeiro aspecto a ser destacado é a sua estrutura "sinusoidal", onde seqüências de tensão e distensão se sucedem ao longo da narrativa. Além disso, pequenos dramas esboçados são resolvidos e abandonados para que a linha principal da narrativa se desenvolva. O enredo é também formado por amplas seqüências repetitivas, visando a familiarização do leitor com os fatos inesperados que permeiam a narrativa. O corte sistemático é outra técnica utilizada pelo narrador para manter a ação em suspense e renovar a atenção do leitor por dias ou semanas a fio.

Quanto à caracterização das personagens, esta é feita de modo simplificado (mocinhos e bandidos, anjos e demônios) e o romancista tem a liberdade de deslocar a atenção e a trama principal de uma personagem para outra. Muitas vezes, para agradar o leitor, que não quer perder suas personagens, o romancista transgride certas exigências fundamentais da narrativa, criando novos episódios em torno destas personagens.

Assim, o folhetim que surgiu, primeiramente, como rodapé de jornal e que, posteriormente, passou a ser publicado em fascículos semanais e em revistas semanais ou mensais, adquiriu pouco a pouco características próprias e embora a crítica oficial fosse severa em relação a esse tipo de literatura de consumo, sua expansão foi vertiginosa e se estendeu além das fronteiras francesas.

No Brasil, a repercussão deste gênero romanesco ou da própria figura do folhetinista é, normalmente, esquecida pelos nossos compêndios de História Literária. Encontramos apenas algumas informações sobre a função do folhetim na gênese do romance nacional ou o nome das obras ou dos folhetinistas que serviram de modelos para os nossos escritores.

No entanto, a partir de uma crônica de Machado de Assis, publicada em 30 de outubro de 1859, podemos constatar o tipo de influência que o folhetinista francês exerceu entre nós. Para melhor apreendê-la, transcrevemos abaixo, alguns trechos da crônica machadiana.

"Uma das plantas européias que dificilmente se tem aclimatado entre nós, é o folhetinista.

Se é defeito de suas propriedades orgânicas, ou da incompatibilidade do clima, não o sei eu. Enuncio apenas a verdade. (...)

(...) O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde vive a seu gosto, como em cama no inverno. De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo do espírito moderno; falo do jornal.

Espalhado pelo mundo, o folhetinista trouxe de acomodar a economia vital de sua organização às conveniências das atmosferas locais. Se o tem conseguido por toda a parte, não é meu fim estudá-lo; cinjo-me ao nosso círculo apenas.

Mas começemos por definir a nova entidade literária.

O folhetim, (...), nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta íntima afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação.

O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. (...)

(...) O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política. (...)

(...) Todos o amam, todos o admiram, porque todos têm interesse de estar de bem com esse arauto amável que levanta nas lojas do jornal, a sua aclamação de hebdomadária. (...)

(...) Na apreciação do folhetinista pelo lado local temo talvez cair em desagrado (...). Em geral o folhetinista aqui é todo parisiense; torce-se a um estilo estranho, e esquece-se, nas suas divagações sobre o **boulevard** e **café Tortoni**, de que está sobre um **mac-adam lamacente** e com uma grossa tenda lírica no meio de um deserto.

Alguns vão até Paris estudar a parte fisiológica dos colegas de lá; é inútil dizer que degeneraram no físico como no moral.

Força é dizê-lo: a cor nacional, em raiissimas exceções, tem tomado o folhetinista entre nós. Escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil.³"

A crítica severa de Machado de Assis ao folhetinista e a nossa dependência cultural, nos levaram a questionar o processo editorial no Brasil, em meados do século XIX.

Segundo Marlyse Meyer, "os diversos catálogos antigos conservados na Biblioteca Nacional - que compreendem não só os de bibliotecas locais, em diferentes edições, como muitos da Província"⁴ - confirmam que era grande o interesse do público brasileiro pelos romances estrangeiros.

Já o artigo de Pinto Coelho, sobre a "Propriedade Literária no Brasil", publicado em 1881, na **Revista Brasileira**, nos mostra a avassaladora influência da França na formação do público e do escritor brasileiro. O número de obras francesas

publicadas entre nós, em meados do século XIX, era muito superior ao de outros autores estrangeiros. E para provar que a literatura nacional não era valorizada e que a propriedade literária não era respeitada no Brasil, Pinto Coelho apresenta-nos um levantamento de 74 obras estrangeiras que foram aqui traduzidas e publicadas e que saíram como folhetins no Jornal do Comércio, Correio Mercantil, O Despertador, O Diário do Rio de Janeiro e que no período de 1830 a 1854 foram reproduzidas nos periódicos das diferentes províncias brasileiras. Destas 74 obras, 65 são de autores franceses. Entre elas destacamos as seguintes:

1. **Gabriel Lambert** - de Alexandre Dumas, Rio, 1836
2. **Pedre, O Cruel** - de Alexandre Dumas, Rio, 1839
3. **Mestre Adam, O Calabrés** - de Alexandre Dumas, Rio, 1839
4. **Paschoal Bruno** - de Alexandre Dumas, Rio, 1839
5. **Otho, O Archeiro** - de Alexandre Dumas, Rio, 1839
6. **Amaury** - de Alexandre Dumas, Rio, 1844
7. **Dez anos depois, Os três mosqueteiros, O visconde de Brangelone** - de Alexandre Dumas, Rio, 1848-1850
8. **A Tulipa Preta** - de Alexandre Dumas, Rio, 1851
9. **Os Moicanos de Paris** - de Alexandre Dumas, Rio, 1854-1856
10. **O Conde de Monte Cristo** - de Alexandre Dumas
11. **Gustavo ou o Rapaz extravagante** - de Paul de Kock, Rio, 1836
12. **Os dois Carrascos** - de Balzac, Rio, 1839
13. **A Estalagem d'Andernäch** - de Balzac, 1840
14. **Os Mistérios de Paris** - Eugène Sue, 1844-1845
15. **A Salamandra** - de Eugène Sue, 1845
16. **O Monte do Diabo** - de Eugène Sue, 1845
17. **O Hotel Lambert** - de Eugène Sue, 1846
18. **Arthur, Diário d'un Incógnito** - de Eugène Sue, 1847
19. **Martim, O Menino Achado** - de Eugène Sue, 1847
20. **Os Mistérios do Povo** - de Eugène Sue, 1850
21. **Os Sete Pecados Mortais** - de Eugène Sue
22. **Os Mistérios de Londres** - de Paul Féval, 1845
23. **O Mendigo Negro** - de Paul Féval, 1847
24. **O Rei dos Boêmios** - de Paul Féval

25. **A Douda** - de Xavier de Montépin

26. **O Ventríloquo** - de Xavier de Montépin⁵

Por outro lado, é preciso salientar que os próprios escritores e editores franceses sabiam como explorar comercialmente este prestígio da França no Brasil, isto é, produzindo obras para serem publicadas especialmente na América.

Nestor Victor, na sua obra **Paris (Impressões de um brasileiro)**, comenta que muitos artigos eram fabricados para que os grandes escritores e jornalistas da época apenas assinassem e depois estes artigos juntamente com uma "literatura de pacotilha" e pornográfica eram exportados para serem consumidos pelos leitores da América do Sul.

Os próprios editores brasileiros preferiam reproduzir ou traduzir obras que já tinham um sucesso garantido, do que comprar trabalhos de autores nacionais.

Assim, a única saída que os nossos escritores tinham para competir com a grande concorrência de autores estrangeiros, principalmente os franceses, era se utilizarem dos recursos próprios do folhetim, publicando suas obras, primeiro, na imprensa diária ou periódica e só posteriormente em livros. "Como exemplos, podem ser citados, entre os precursores: **A Crônica do Descobrimento do Brasil** e **Sumé** de Varnhagen, **Jerônimo Corte Real e Religião, Amor e Pátria**, de Pereira da Silva, **Maria ou Vinte Anos Depois**, de Noberto, e da fase definitiva, **O Forasteiro, A Carteira do Meu Tio, Romance de Semana**, de Macedo, **Cinco Minutos, O Guarani, A Viuvinha, Til e Encarnação**, de Alencar, **O Ermitão de Muquém e O Índio**, de Guimarães, **A Trindade Maldita, Os Índios do Jaguaribe, A Casa de Palha, Lourenço e o Sacrifício**, de Távora".⁶

Podemos, pois, afirmar que o êxito do folhetim no Brasil foi total, tanto pelo número de obras traduzidas e publicadas entre nós, como pelo número de autores nacionais que se utilizaram de seus recursos técnicos para explorar a vida e o pensamento da sociedade brasileira. O folhetim foi o grande laboratório, onde escritores como Balzac, Alencar, Machado de Assis testaram e aprimoraram as técnicas da narrativa.

NOTAS

- ¹CASTELLO, J.A. **Aspectos do romance brasileiro.** MEC, Rio de Janeiro, s/d, p.18-9.
- ²MEYER, Marlyse. "O que é, ou quem foi Sinclair das ilhas?" **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, nº 14, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1973. p.46.
- ³ASSIS, Machado de. In: **Obras completas de Machado de Assis (Relíquias da Casa Velha - Crônicas)**, Vol. 2, FORMAR, São Paulo, s/d, p.130-1.
- ⁴MEYER, Marlyse. "O que é, ou quem foi Sinclair das ilhas?" **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, nº 14, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1973. p.44.
- ⁵**Revista Brasileira** - N. Midosi Editor, Rio de Janeiro, 1881. p.494/495 (TOMO VIII).
- ⁶SODRÉ, Nelson Werneck - **História da literatura brasileira**. 7. edição, DIFEL, São Paulo, 1982. p.330.

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, Machado de. **Obras completas de Machado de Assis (Relíquias da Casa Velha - Crônicas)**, Vol.2, FORMAR, São Paulo,s/d.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo, Editora Cultrix, 1981.
- CASTELLO, J.A. **Aspectos do romance brasileiro**, MEC, Rio de Janeiro, s/d.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1970.
- MACHADO NETO, A.L. **Estrutura social da república das letras: sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930**. Grialdo, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1973.
- MEYER, Marlyse. "O que é, ou quem foi Sinclair das ilhas?" in: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, nº 14, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1973.
- Revista Brasileira** - Tomo VIII, N. Midosi Editor, Rio de Janeiro, 1881.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. 7. edição, DIFEL, São Paulo, 1982.